



2003/09/22

O NOVO TERRORISMO

ES

1. Introdução Os horrendos acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 trouxeram o terrorismo internacional de novo à ribalta e reforçaram o debate como deve ser combatido. Para começar, torna-se necessário definir o moderno terrorismo internacional e avaliar as modificações deste fenómeno desde a década de 60. As principais diferenças entre os grupos terroristas mais tradicionais e os grupos da “nova vaga” podem agrupar-se em cinco áreas: motivação, estrutura organizacional, apoios estatais, política de selecção de alvos e letalidade. Não existe apenas uma definição de terrorismo aceite por todos. Contudo, existem alguns elementos essenciais que são comuns à maioria das definições, tais como o uso da violência, o efeito psicológico e a tentativa de ganhar vantagem para alcançar os objectivos traçados pelo grupo. Paralelamente aos efeitos físicos e políticos do uso da violência, o seu efeito psicológico sobre um público mais vasto e a manipulação do medo que daí resulta, constitui uma característica crucial do terrorismo. Apesar dos objectivos poderem ser políticos, religiosos ou sociais, é fundamentalmente a mudança política que os terroristas procuram. A definição que iremos utilizar neste artigo é que “TERRORISMO é o uso deliberado e organizado da violência, ou da ameaça dela, para obter vantagem, influência e poder para alcançar uma mudança política através da exploração do medo.” Uma das primeiras manifestações do terrorismo internacional foi o desvio de um voo comercial israelita pela OLP em 1968. Especialmente após o fim da “guerra-fria”, o terrorismo internacional transformou-se, surgindo uma “nova vaga” de organizações, com motivações e orientações mais religiosas, tais como a Hamas, o GIA e a Al-Qaeda. Em 1980, apenas 3% das organizações terroristas internacionais eram consideradas primariamente religiosas; em 1995, essa percentagem subiu para 46% e a letalidade dos ataques aumentou significativamente.

2. Características principais As cinco principais características dos grupos terroristas da “nova vaga” são a motivação, a estrutura organizacional, o apoio de estados, a política de escolha dos alvos e a letalidade.

a. Motivação Em termos de motivação, os grupos “tradicionais” (OLP, ETA, etc.) eram normalmente de orientação secular. Pode dizer-se que os seus principais objectivos eram políticos e sociais e não religiosos. Estes grupos “tradicionais” sustentavam visões nacionalistas, separatistas ou de extrema-esquerda, coerentes com as suas próprias convicções ideológicas. Ao contrário, os grupos da “nova vaga” defendem serem primariamente motivados por objectivos religiosos de longo prazo, apesar de exprimirem também algumas ambições políticas de curto prazo. Para este tipo de grupos, o motivo religioso é imperativo e é actualmente a característica mais importante da actividade terrorista.

b. Organização Os grupos “tradicionais” estão organizados numa estrutura hierárquica e de comando e controlo bem definidas, exercendo os líderes um apertado controlo sobre os “operacionais”. Os grupos religiosos da “nova vaga” organizam-se normalmente em pequenas unidades dispersas, com grande autonomia operacional, que se ligam em redes com ligações muito pouco rígidas e nítidas. Estes pequenos núcleos são inspirados e encorajados por um “mentor espiritual”, em vez de serem dirigidos e controlados directamente por um chefe terrorista. Líderes como Bin Laden, parecem surgir no centro das operações destes grupos pequenos e dispersos, fornecendo “grandes linhas” de actuação, apoio técnico (especialistas em explosivos, técnicos de informática e de comunicações, etc.) e financeiro. Este centro da rede exerce, todavia, muito pouco controlo directo sobre as operações que cada grupo executa. Os grupos da “nova vaga” estão familiarizados e utilizam as novas tecnologias, como a Internet, que facilita a nova estrutura organizacional. São normalmente menos burocráticos que os grupos “tradicionais” e, ao contrário destes, não costumam reclamar publicamente a responsabilidade dos actos terroristas que cometem.

c. Apoio de Estados Os grupos “tradicionais” têm beneficiado, a maior parte das vezes, o apoio de Estados, na forma de meios financeiros e materiais, bases de operação e campos de treino. Os grupos da “nova vaga” usam meios financeiros alternativos, inclusivamente financiamentos privados, parte de uma rede de companhias e investimentos que são sua propriedade, total ou parcial. Apesar dos apoios estatais continuarem a existir, a sua importância em termos financeiros foi bastante reduzida. Continuam a fornecer apoio importante, autorizando as organizações terroristas a ter campos de treino e a sediar as suas operações dentro do seu território.

d. Selecção de alvos e letalidade Os grupos

“tradicionais” executam actos de violência muito selectivos e diferenciados contra alvos simbólicos. Cometem também actos violentos contra civis de terceiros países para chamar a atenção e aumentar a publicidade das suas “façanhas”. A cobertura mediática destes actos é essencial para estes grupos porque, para além de publicitar a sua causa, espalha o alarme e o medo, um elemento psicológico fundamental do terrorismo. Os grupos da “nova vaga”, por seu turno, aventuram-se a uma violência mais indiscriminada e uma maior letalidade. Este aumento na letalidade do terrorismo internacional pode ser ligado a várias causas prováveis. Face à progressiva diminuição da atenção da opinião pública para este tipo de acções, as organizações mais modernas necessitam de perpetrar acções cada vez mais destruidoras para ter uma cobertura mediática idêntica à do passado. Adicionalmente, novas tecnologias aumentaram as capacidades dos terroristas, pondo à sua disposição materiais, explosivos e armamentos mais sofisticados. Por fim, pode dizer-se que a influência mais importante nesta área tem sido o aumento do terrorismo religioso levado a cabo por fundamentalistas. A violência é vista muitas vezes como um dever sagrado ou divino, executado em resposta a uma exigência ou imperativo teológico. Os terroristas religiosos da “nova vaga” estão, por isso, menos preocupados com a escolha dos seus alvos; uma das características principais do fundamentalismo é a vontade de não fazer cedências, de não aceitar compromissos e a preferência pela destruição total em vez da derrota. Assim, a violência deixou de ser um meio para atingir um objectivo, mas um objectivo em si mesma. É sabido que o terrorismo tem nas injustiças materiais, no subdesenvolvimento económico, no desemprego daí resultante, na exploração das riquezas naturais por estrangeiros e na subalternização da cultura tradicional, terrenos cada vez mais férteis ao descontentamento, à frustração e à revolta. Importa que o Ocidente, nomeadamente os EUA, saiba encontrar formas socialmente mais humanizadas de lidar com as sociedades menos desenvolvidas e culturalmente diferentes. Por outro lado, sabe-se também que, essencialmente no mundo islâmico, o Ocidente é visto como uma civilização moral, política e culturalmente decadente, que se impõe apenas pelo seu poder económico globalizante. Tal visão é, contudo, também a confissão expressa da incapacidade de determinadas formas de poder tradicional e teocrático de lidar com a crescente consciencialização social e com a indignação das populações e de se adaptarem com sucesso à progressiva modernização tecnológica e sociológica do mundo. (Baseado no artigo “Air Power and the changing nature of terrorism”, pelo Flt. Lt. Craig White, Na Air Power Review, Vol. 5, n. º 4, Inverno de 2002)